

## A Valorização da Memória e do Patrimônio Cultural Como Atrativos Turísticos em Propriedades Rurais do Rio Grande do Sul

Revista Rosa dos Ventos  
4(II) 263-275, abr-jun, 2012  
Dossiê Turismo e Neorruralidades  
© O(s) Autor(es) 2012  
ISSN: 2178-9061  
Associada ao:  
Programa de Mestrado em  
Turismo  
Hospedada em:  
<http://ucs.br/revistarosadosventos>



Marcelo Ribeiro<sup>1</sup>, Claudia Buzatti Souto<sup>2</sup>, Eurico de Oliveira Santos<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo propõe analisar o uso do patrimônio cultural e da história em duas propriedades rurais na Metade Sul do Rio Grande do Sul onde ocorrem atividades de turismo rural. Aspectos como a preservação, a memória, educação patrimonial e a importância histórica dos antepassados dos proprietários é o foco de interesse da pesquisa, além de propostas de educação patrimonial. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as proprietárias das propriedades, tendo como resultados constatados foram que a aposta em abrir propriedades a visitação pública ajuda na preservação da memória histórica e ao mesmo tempo utilizar espaços privados como instrumento de educação patrimonial.

**Palavras-chave:** Turismo. Turismo Rural. Cultura. Patrimônio. Rio Grande do Sul-Brasil.

### ABSTRACT

**The Recovery of Memory and Cultural Heritage as Tourist Attractions in Rural Farms of Rio Grande do Sul.** These articles analyze the use of cultural heritage in two historic farms on the South Brazilian state of Rio Grande do Sul. Preservation, memory, heritage education and the historic importance of the ancestor owners in the use of memory form the object of research. The interview was the methodology used in this work.

**Keywords:** Tourism, Rural Tourism. Culture. Heritage. Rio Grande do Sul-Brasil.

<sup>1</sup> Doutor. Professor do Curso Tecnológico em Gestão de Turismo da Universidade Federal de Santa Maria, Unidade de Silveira Martins. E-mail: ribeiroweb@yahoo.com

<sup>2</sup> Mestre. Docente do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria-RS. E-mail: claudiabsouto@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Doutor. Docente do Programa de Pós-Graduação em Turismo, da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: eurico58@terra.com.br

## RESUMEN

### **La valoración de la memoria y del patrimonio cultural como atracciones turísticas en propiedades rurales de Rio Grande do Sul.**

El presente artículo se propone analizar la relación entre historia, patrimonio y turismo en dos propiedades rurales de la Mitad Sur del estado de Rio Grande do Sul, Brasil. Los aspectos como la memoria, la educación patrimonial, el culto a los personajes y antiguos dueños y el uso del patrimonio como elemento de educación patrimonial y turismo cultural forman el objeto de investigación. El método empleado fueron cuestiones semiestructuradas y entrevistas con los propietarios. Los resultados fueron que la apuesta en abrir las propiedades a la visitación posibilita preservar la memoria y utilizar espacios privados para la educación patrimonial.

**Palabras Clave:** Turismo. Turismo Rural. Cultura. Patrimonio. Rio Grande do Sul-Brasil.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo compreender o uso do patrimônio cultural e sua preservação, através de ações associadas à educação patrimonial, em duas propriedades consideradas históricas e que desenvolvem atividades de turismo rural e educação patrimonial em Bagé e Pedras Altas, municípios do Rio Grande do Sul. Os empreendimentos rurais escolhidos para esta pesquisa possuem elementos identificados a fatos e personagens ligados à história regional.

A região, que tem informalmente sido denominada como *Metade Sul*, ocupa uma extensão de 154.000km, com uma população de 2,5 milhões de habitantes (FEE e IBGE, 2009) e tendo como característica a produção econômica em médias e grandes propriedades rurais. Esse espaço é compreendido a partir da BR 290, tida como linha divisória, imaginária, que seccionaria o Estado em duas metades, ou seja, uma parte sul e uma parte norte. A Metade Sul abriga quatro regiões geográficas: a Campanha, a Região Centro, a Fronteira Oeste e a Região Sul, que anteriormente ao século XX produziam riqueza pela criação de gado bovino, ovino e equino, e pelo processo industrial de produção da carne pela salga, mais conhecido como charque, passando por culturas agrícolas como o arroz, e, mais recentemente, pelo reflorestamento com árvores exóticas para atender a crescente demanda da indústria de papel.

Nesse cenário desenrolaram-se fatos marcantes para o Estado - com reflexos no país -, cuja memória as propriedades buscam manter viva, através da preservação de objetos, espaços e histórias a eles associados, entendendo sua importância para incremento da atratividade do turismo rural.

Os conceitos de educação patrimonial e de cultura, bem como o sentimento de arraigo dos proprietários para com os objetos, monumentos e espaços patrimoniais de valor e expressão material ou imaterial, se aliados ao turismo rural e a ações de comunicação que lhe deem visibilidade, caracterizam o objeto desta pesquisa. A metodologia de investigação incluiu a revisão bibliográfica em torno das narrativas sobre a história política regional e os conflitos envolvidos, que tiveram como palco as propriedades escolhidas neste trabalho, além dos conceitos de turismo rural, turismo cultural, patrimônio cultural e paisagem, entre outros.

A realização de entrevistas (semiestructuradas) com as proprietárias das duas fazendas escolhidas para compor o estudo foi a técnica escolhida para levantamento de dados, para com ele buscar entender o processo de uso do patrimônio cultural, sua relação com a história, e o turismo rural como valor agregado econômico e cultural à economia local de cada município. A elaboração de

entrevista pode ser estruturada ou padronizada como processos de medição (GONZALEZ RÍOS 1997); no caso de estudos relacionados ao turismo, Santana (1997) atenta para um aspecto estrutural da área, estabelecendo três elementos básicos nas interrelações que gera: o lugar, os atores e as atividades desenvolvidas.

## REFERÊNCIAS CONCEITUAIS

O turismo pode ser entendido como fenômeno social e econômico advindo dos avanços técnicos e tecnológicos em transportes e meios de hospedagens, para atender necessidades de deslocamento de grupos ou indivíduos. As formas de atrair estes grupos ou indivíduos a determinados destinos são forjadas a partir de suas motivações, entre as quais se podem citar os elementos culturais patrimoniais como a arquitetura, as artes, o artesanato, a gastronomia e a paisagem natural e cultural.

A segmentação contemporânea do turismo gerou novas formas de visitação a determinados destinos. Ao falarmos da relação da cultura com o turismo, uma das formas pela qual o turismo dela se apropria, é a paisagem. Na concepção de Ulpiano (2003), a paisagem é o resultado dos usos históricos da terra, mas também do olhar turístico que a produz, reproduz e consome. John Urry (1990, 1995) cunhou a expressão *tourist gaze* para exprimir o fenômeno. Segundo Urry (1990, 1995) vivemos em uma sociedade pós-moderna na qual prevalece uma tendência para a nostalgia, que se manifesta em uma atração nostálgica pelo patrimônio cultural, entendido como representação simbólica da cultura. Sendo o patrimônio uma das fortes motivações para a prática do turismo cultural, é possível induzir que a nostalgia também se daria como atrativo, o rural como produto privilegiado nesses termos.

De acordo com Blos (2000), o turismo rural é uma forma de contato direto e personalizado entre turistas e proprietários rurais, além da participação do visitante nas atividades, nos usos e nos costumes da população local. A relação do rural com o turismo residiria na demanda das pessoas do meio urbano que, submetidas a um cotidiano frenético, queiram visitar o campo para recuperar suas forças, por fruição ou simplesmente para mudar de paisagem, em busca de descanso (TULIK, 2000; ALMEIDA, 2000 e SANTOS, 1997). Em alguns casos buscam atividades de lazer no meio rural: trilhas, passeios a cavalo ou em charretes, em outros, visitas a locais históricos na propriedade ou adjacências etc. A atividade turística no meio rural, portanto, depende de uma oferta de serviços disponibilizados tanto em propriedades pequenas, como nas grandes, quer de produção agrícola ou pecuária. Um dos componentes dessa oferta é o patrimônio cultural ali presente.

O espaço rural ou mundo rural e suas pluriatividades que se caracterizam por alternativas ou complementos às atividades tradicionais do campo, geraram novas possibilidades aos proprietários, valorizaram regiões onde a atividade agrícola estava em decadência e em alguns casos passa a ser o maior gerador de receitas no campo. De acordo com Bessiere (2000), o mundo rural possuía uma imagem negativa na Europa do século XIX como um território frágil, de trabalho ingrato e próximo da miséria. As primeiras formas de lazer no meio rural datam do século XIX, quando alguns intelectuais descobriram a campanha e seus locais para retiro. Na década de 1920, de acordo com Bessiere (2000), as regiões rurais da França servem de refúgio contra o horror da Primeira Guerra e um recurso contra a ordem dominante de valorizar a cidade.

Com relação aos conceitos de Tulik (2010), o turismo rural apresenta uma diversificada variedade conceitual devido ao fato de não ter seus estudos restritos somente aos acadêmicos da área de

turismo, mas presente na produção de artigos e livros em diversas áreas do conhecimento. De acordo com Almeida (1999, apud TULIK, 2010), existem duas tendências na discussão sobre a definição de turismo rural. A primeira se utiliza do critério da porcentagem de rendimentos do turismo que beneficia a própria comunidade rural. Há uma distinção entre turismo rural e agroturismo quando temos os ganhos do turismo no espaço rural superiores aos da produção primária. E, de outra parte, quando o turismo no espaço rural é complementar na geração de receita às atividades rurais. A segunda tendência utiliza o critério baseado nos elementos constitutivos da oferta, tendo a cultura como destaque. Esta tendência cultural será tratada ao longo deste trabalho.

Com relação a localização das propriedades, Rodrigues (*apud* ALMEIDA E RIEDL, 2000, p. 53) cita que o “elemento geográfico de localização da atividade turística deve ser interpretado não simplesmente como o rural em contraponto ao urbano”. A autora apresenta alguns fatores fundamentais que contribuem para tal afirmação: (a) Processo histórico de ocupação territorial; (b) Estrutura fundiária; (c) características paisagísticas regionais; (d) Atividades econômicas atuais; (e) Características da demanda.

O turismo, fenômeno social e econômico concomitante a expansão do capitalismo, apresenta relação intrínseca com a cultura de cada localidade que receba seus atores privilegiados, no caso, os turistas. Por outro lado, o conceito de turista pressupõe que tais atores levem sua cultura até onde viajam, estabelecendo, ali, trocas nem sempre simétricas.

Segundo Juan (2000), a especialização funcional das sociedades modernas gerada pela divisão do trabalho, não se traduz exclusivamente nas conseqüências ocupacionais (como o empobrecimento dos ofícios frente a novas formas de qualificação) ou nas mercadorias produzidas, cada vez mais numerosas, diversificadas e fabricadas de maneira mais veloz. Ainda de acordo com Juan (2000), os habitantes das cidades – e de certa forma aqueles que vivem no mundo rural – funcionalizam cada vez mais sua vida cotidiana, dividindo-a espacial e temporalmente, em atividades mais básicas por outras mais especializadas. Todos os sistemas sociais estão afetados desde o momento que se desintegram dos laços comunitários.

Não obstante, a busca pelo rural e sua oferta de atividades como válvula de escape está condicionada às características psicossociológicas como renda, consumo, capital cultural que está relacionado ao aprendizado e que se aplica aqui à quantidade de conhecimento adquirido que os turistas possuam, além de fatores como idade, sexo, local onde vivem etc. Com relação entre cultura e turismo rural, ou mesmo se podemos chamar turismo cultural no meio rural, Maraska e Silva (2010) expõem que o ambiente a ser apropriado pelo turismo pode referir-se tanto ao ambiente natural quanto ao sociocultural. Entendido aqui como algo construído, inserido na paisagem.

O patrimônio cultural como conceito é tido por Llorenç Prats (1997) como um elemento com capacidade de se apresentar como uma tripla oferta junto ao turismo: a) O patrimônio pode se constituir em um produto turístico em si mesmo, capaz de integrar junto aos meios de hospedagem uma compra (ex: as Pirâmides do Egito); b) O patrimônio turístico pode estar associado a um produto turístico integrado (ex: um pacote turístico); c) O patrimônio pode se constituir em um valor agregado a um destino que não tenha o patrimônio como seu principal atrativo (ex: museus e parques arqueológicos).

Ao citarmos a relação do turismo com a cultura, de acordo com Santana (2009) temos que associar a Revolução Industrial nos países europeus ocidentais e Estados Unidos a partir de 1870, e ao surgimento de uma classe com poder econômico capaz de dispor de excedentes para se dedicar às viagens e ao lazer. A industrialização e o conseqüente enriquecimento da burguesia alemã, inglesa, francesa, norte-americana e canadense fez com que burgueses-negociantes se unissem a aristocracia que já visitava o mundo.

Para existir turismo cultural, de acordo com Monfort (2002), precisam ser preenchidas três condições: a primeira é o desejo de conhecer e compreender os objetos, as obras e os homens; a segunda é o consumo de um produto que tenha um significado cultural – monumentos, obras de arte, espetáculos, troca de ideias; a última é a intervenção de um mediador, pessoa, documento escrito ou material audiovisual que introduza valores ou gere o produto cultural.

No caso específico de nosso objeto de estudo, a relação estabelecida entre fatos históricos em propriedades rurais que exploram o turismo, é importante relacionar outro segmento turístico - o turismo cultural. O conceito de Dias (2006) é que o turismo cultural está relacionado à educação e a busca por cultura. Porém, este mesmo autor apresenta duas visões sobre o mesmo tema. A primeira mostra que o turismo cultural pode ser o caminho para obter fundos financeiros necessários à preservação da herança cultural e uma ferramenta para proporcionar o desenvolvimento econômico local, regional e até nacional. A outra visão é a de que se transforme o recurso em produto para poder atrair visitantes dispostos a pagar para admirar determinado atrativo, e para isso é necessário que o recurso sofra uma transformação a fim de tornar-se um produto turístico de qualidade, a ser ofertado ao mercado (DIAS, 2006).

De acordo com Fonseca Reis (2007), o grande desafio do turismo cultural é extrair os benefícios econômicos (investimentos em infraestrutura, criação de empregos, valorização e venda do artesanato, resgate de tradições por meio de seu interesse, por parte inclusive de quem não pertence àquela sociedade), sem reduzir a cultura a uma mera mercadoria banal, depredar o patrimônio ou descaracterizar as manifestações tradicionais.

De acordo com Richards (2009), a concepção de cultura está mudando, no passado os turistas culturais podiam viajar basicamente para apreciar a 'alta' cultura de um dado destino, particularmente visitando museus, monumentos e festivais de arte. O produto turístico estava acrescido de elementos da cultura 'popular', como a gastronomia, o cinema, os esportes e a televisão. Este autor aponta uma tendência que é o turismo criativo, no qual o turista além de conhecer a cultura local participa de experiências de aprendizagem.

A relação entre o turismo e o patrimônio cultural não é um fato recente. De acordo com Prats (1997), o patrimônio é considerado um dos grandes motivos das compras de viagens. Aliado a revolução da comunicação e da tecnologia que leva imagens de todos os lugares e, em parte, à pressão turística de alguns destinos patrimoniais, provocaram transformações no tratamento do patrimônio cultural. Prats (1997) observa que o turismo provoca profundas transformações em instituições clássicas relacionadas ao patrimônio: os museus propõem renovações, as instituições e os repertórios patrimoniais já não medem fundamentalmente pelas velhas e novas formas e sim pelo consumo e o marketing em atrair turistas.

Segundo Ribeiro (2004) o turismo rural se relaciona com o patrimônio cultural como forma de valorizar as tradições, manter o próprio patrimônio cultural material e imaterial, e mesmo no uso de técnicas de produção artesanais que recordam épocas distantes. Ocorre que o turismo necessita desta memória ou mesmo, em alguns casos reinventa a memória como elemento do patrimônio cultural. No caso das propriedades rurais analisadas, a educação patrimonial é utilizada como uma ferramenta. Horta (1999) interpreta a educação através do patrimônio cultural – incluídos os objetos, documentos, monumentos, edifícios entre outros – como um processo permanente e sistemático de trabalho educacional. Desta forma, a educação patrimonial atua como um complemento à visita destas propriedades, tendo em vista que a prática desenvolvida é sistemática e está incluída como um turismo cultural rural.

## TURISMO RURAL E TURISMO CULTURAL

A Metade Sul do Rio Grande do Sul possui sua história relacionada a constituição das fronteiras entre o Brasil meridional e os países do rio da Prata, Argentina e Uruguai. No caso específico deste trabalho, os municípios escolhidos foram Bagé e Pedras Altas, ali localizados, tendo como característica econômica nos dois casos, a pecuária e a agricultura. Para apresentar os locais onde os fatos históricos aconteceram nos municípios elencados é importante historicizar ou relatar de maneira breve a formação dos mesmos.

**A Revolução de 1893 e a Estância do Limoeiro:** Revolução Federalista, iniciada após as eleições de janeiro de 1893, no Rio Grande do Sul, centrou-se na disputa entre partidários da oligarquia no poder, encabeçada por Julio de Castilhos, e contestada pela oligarquia liderada por Gaspar Silveira Martins, que fora alijada do governo por um golpe militar do poder central do Brasil, em 15 de novembro de 1889 (FLORES E HUBNER, 1993; PESAVENTO, 1980). A Revolução Federalista durou de 1893 a 1895 e foi originada pela intolerância, a violência e o fanatismo entre dois grupos conhecidos como “maragatos” e os “pica-paus”. Os Maragatos, conhecidos por usarem lenços vermelhos no pescoço, tiveram sua origem do nome vem de uma região do norte da Catalunha, Espanha, chamada Maragataria; o termo foi usado de forma pejorativa, pois muitos dos insurgentes eram uruguaios da fronteira com o Brasil, caracterizados pelo lenço vermelho ou colorado no pescoço. Os republicanos, por sua vez, eram designados de governistas, castilhistas ou pica-paus. Sobre este apelido há duas versões: uma por que as tropas do governo usavam um enfeite amarelo na barretina, semelhante à crista de um pica-pau; a outra, que as armas quando detonadas faziam um ruído semelhante ao dos pica-paus batendo na madeira.

O município de Bagé, centro da insurreição federalista, como já o fora da insurreição Farroupilha anos<sup>4</sup> antes era um dos mais importantes assentamentos nessa parte da fronteira brasileira, que havia crescido em torno de um acampamento do Exército. Bagé, na década de 1890, então com doze mil habitantes, não perdera as características de cidade militar. Por quase cinquenta anos, a cidade havia sido reduto político da família Silva Tavares. Foi ali que, em 1892, o general João Nunes da Silva Tavares (‘Velho Joca’, como ele era chamado) se unira ao líder Gaspar Silveira Martins para formar o Partido Federalista, que receberia o apelido de Maragato (CHASTEEN, 2003).

Personagem de lutas anteriores, Joca Tavares participara desde os quinze anos de idade na Revolução Farroupilha (1835-1845), na Guerra do Paraguai, até se ‘aposentar’, com 81 anos, após a Revolução Federalista de 1893. Entre outros fatos que antecederam o início da insurreição de 1893, além da violência dos republicanos, há o episódio do ataque ao irmão de Joca e de José Tavares, conhecido como Zeca Facundo, que teve seus dois filhos mortos e sua mulher ferida em Porto Alegre, além de ser levado e aprisionado no Rio de Janeiro.

A Estância Limoeiro, localizada no município de Bagé, hoje se destaca pela criação de cavalos crioulos. No final do século XIX a Estância do Limoeiro também sofreu reveses, como a invasão e o incêndio no ano de 1894 por tropas republicanas do Coronel Pedroso. A fazenda foi hipotecada e depois retomada por Zeca Tavares, irmão de Joca.

Na década de 1950, mais precisamente no ano de 1954, os descendentes dos Silva Tavares, no caso o Coronel Beбето, que cuidava da Estância, vem a falecer e as atividades agropecuárias são prosseguidas por sua esposa, Branca Mógliа Tavares, a qual veio a falecer em 1965. Desde essa data, a Estância, acrescida de outras frações de campo, passa aos cuidados dos atuais proprietários e seus cinco filhos. Estes, já casados e com duas gerações de descendentes. Estão os campos sendo cuidados pela sétima geração. Atualmente os proprietários desenvolvem a atividade primária na

---

<sup>4</sup> Revolução Farroupilha, 1835-1945.

estância, e, em menor escala, o turismo cultural rural. Além das lides rurais, cultuadas de geração a geração, existe um cuidado com o meio ambiente e com a qualidade de vida aos trabalhadores, além da preocupação com a sobrevivência econômica. A Estância cumpre a tarefa cultural, preservando a tradição e, principalmente a história, preservando o passado e transmitindo a outras gerações suas lições de vida.

**Figura 1: Acesso à casa principal da Estância do Limoeiro**



**Fonte: Acervo dos autores.**

**A Granja de Pedras Altas:** Joaquim Francisco de Assis Brasil foi um homem que viveu seu tempo, não sendo favorável às ideias positivistas, mesmo que essas fossem muito fortes no Rio Grande do Sul na virada do século XIX para o século XX. Nascido em 1857, em São Gabriel-RS, realiza seus estudos em Pelotas-RS e cursa posteriormente direito em Porto Alegre (ALMEIDA E MARCHIORI, 1995). A relação de Assis Brasil com a Granja de Pedras Altas inicia com a busca por comprar terras em Hulha Negra, próximo a Bagé; não encontrando o que buscava, acaba por adquirir uma gleba de terra junto a então estação ferroviária do antiga localidade de Cacimbinhas, onde, posteriormente, monta a estrutura do Castelo de Pedras Altas. A área total da propriedade alcançou 221,74 hectares, porém, com a emancipação política de Pedras Altas, em 1996, parte destas terras foi doada a Prefeitura visando a expansão do município com a finalidade de melhorar a estrutura local com a criação do Hospital Rural de Pedras Altas, um bairro residencial e uma praça.

O embrião residencial da propriedade seria um chalé de madeira, familiarmente conhecido como *cottage*, uma construção em madeira pré-fabricada. O projeto da residência foi trazido dos Estados Unidos com abetos (árvore da família das coníferas) trazidos da Noruega, adquiridos no porto de Rio Grande, vindos como lastro de navios que ali aportavam. A propriedade possui entre outras construções e acessos de entorno, um jardim com passeios sinuosos pavimentados em pedra portuguesa. A edificação mais impressionante é o Castelo de Pedras Altas, edificado a partir de elementos de fachada, característicos de castelos europeus: ameias e merlões, além de duas torres. O Castelo possui 44 cômodos e foi construído para abrigar a família. A mobília dos aposentos de Assis Brasil veio de Paris e a edificação conta ainda com doze lareiras, idealizadas para manter os

ambientes aquecidos. Os banheiros ficavam dentro da construção, numa época em que a lei mandava instalar sanitários fora das casas. Outro atrativo do Castelo é a biblioteca, que possui um acervo de aproximadamente 15 mil livros. Este acervo inclui clássicos em inglês, francês e latim; entre as relíquias estão 22 volumes da *Enciclopédia*, de Diderot e D’Alambert, de 1751 (ALMEIDA e MARCHIORI, 1995).

Joaquim Francisco de Assis Brasil foi um homem inovador para a época, importou vacas Jersey, da Inglaterra, robustos touros Devon, cavalos árabes e ovelhas Karakul e Ideal. Sua preferência estava na criação de animais de raça, como galinhas White Wyandotte, trazidas dos Estados Unidos. Outra inovação de Assis Brasil foi a introdução de novas espécies de árvores, como o eucalipto. Na propriedade foram construídas estrebarias, galpões e porteiras com técnicas bastante diferentes das utilizadas na época e que ainda funcionam. No campo político, Assis Brasil exerceu, entre outras funções, a de embaixador em países como Estados Unidos e China. Em Portugal serviu como Ministro Plenipotenciário, onde promoveu as relações entre Brasil e aquele país.

Na Revolução de 1923, que se valeu de colunas ligeiras, Assis Brasil foi o chefe civil, pois não havia um comando militar único como, por exemplo, na Revolução Farroupilha. As motivações desta revolta regional foram políticas, como as suspeitas de fraude eleitoral, pois por vários anos Borges de Medeiros vencia o pleito estadual para a Presidência do Estado. As reivindicações de Assis Brasil e seus correligionários eram as de defender a liberdade política, com a valorização do sistema representativo e da justiça eleitoral. A Revolução dura oito meses, sendo a Paz de Pedras Altas assinada no Castelo. Porém, a família Assis Brasil acaba se exilando no Uruguai em 1924, e somente em 1927 os familiares retornam ao Brasil, voltando a ocupar a granja.

**Figura 2: Castelo de Pedras Altas, Rio Grande do Sul.**



**Fonte: Acervo dos autores.**

## **O TURISMO RURAL E PATRIMÔNIO CULTURAL**



Uma característica marcante das duas propriedades pesquisadas é a de que não recebem turistas para pernoite, pois não dispõem de estrutura para tal fim. A característica comum entre as duas propriedades é a de possuir acervo patrimonial ligado à história e a fatos marcantes acontecidos em ambas. Através das informações da proprietária da Estância do Limoeiro, os turistas que visitam a propriedade, em sua maioria, já conhecem um pouco da história do lugar e encontram nas informações históricas presentes na residência, elementos que complementam as informações obtidas em livros. Os grupos que chegam à propriedade são compostos, basicamente, por alunos da rede pública e privada, de professores e historiadores.

A proprietária, bisneta de Joca Tavares, recebe os turistas desde 1999; ela coloca que a sede da Estância é residencial e até hoje serve de moradia à família, e que nunca optou por criar uma estrutura de hotelaria. A proprietária informa que apenas sua mãe incentivou a iniciativa de abrir a casa aos turistas, uma vez que os demais familiares se opuseram, em um primeiro momento, à iniciativa. Segundo a entrevistada, a relação com a Prefeitura do município de Bagé é de cordialidade, uma vez que ao visitar o Museu Dom Diogo de Souza, os turistas são orientados pelos funcionários a conhecer também a Estância do Limoeiro. O acervo da família compreende objetos de uso pessoal, documentos como o diário da Revolução Federalista de 1894 a 1896 (documento escrito a mão pelo sobrinho de Joca Tavares), mobiliário original, fotos e objetos de uso pessoal, um forno a lenha que era utilizado no dia a dia, durante o cerco a fazenda, além de uma série de ferramentas e objetos que hoje compõem um verdadeiro museu a céu aberto (fig.3).

**Figura 3: Peças do museu da Estância Limoeiro, Bagé, RS.**



**Fonte: Acervo dos autores, 2011.**

No castelo de Pedras Altas, segundo relata a responsável pela propriedade, a preocupação da família é pela preservação do patrimônio, assim como a organização do acervo, incluindo a biblioteca, que possui cerca de sete mil livros em diversos idiomas, para que possa se tornar público. O motivo principal de atração dos visitantes é justamente conhecer melhor a história de José Francisco de Assis Brasil, que idealizou a propriedade para desenvolver a cultura e a agricultura, que ele entendia serem os elementos motivadores do progresso.

**Figura 4 : Biblioteca do Castelo de Pedras Altas**

**Fonte: Acervo dos autores.**

De acordo com a proprietária, o turismo não é a atividade principal da granja, representando apenas 10% das divisas que a propriedade gera, mesmo que tenha uma visitação constante. O fluxo de visitantes já teria sido maior; segundo a entrevistada, um dos fatores seria a dificuldade de acesso ao município. A forma de divulgação mais utilizada é a informação transmitida pelas pessoas que visitam o local, levando em conta que os turistas que visitam o Castelo somente são recebidos com agendamento prévio. Os grupos visitantes se diferenciam, como relata a proprietária, tanto incluindo crianças da sede municipal como de localidades vizinhas. Com relação ao trabalho de educação patrimonial realizado, este fica a cargo das escolas municipais de Pedras Altas e da proprietária, que trabalham aspectos da história do lugar e do seu fundador, Assis Brasil.

Existe atualmente uma aproximação com a Universidade Federal de Pelotas para desenvolver projetos de restauro na edificação e também uma proposta de captação de recursos para a manutenção do acervo e da preservação do imóvel. A proprietária referiu-se à tradição de seu avô em receber intelectuais, políticos e mesmo turistas que vinham à propriedade para conhecê-la, possível de perceber em uma passagem de seu diário, de 1911, em que registra a necessidade de interromper a escrita para receber um grupo de visitantes, oriundos da cidade de São Paulo, por ocasião de uma visita a exposição agrícola de Bagé. De acordo com a proprietária, o interesse dos governos do Estado do Rio Grande do Sul pela preservação da edificação tem sido uma constante. O Castelo foi tombado em 1999, pelo então governador Olívio Dutra; dez anos depois, no governo de Yeda Crusius, foram tombados os móveis da propriedade. O governador atual, Tarso Genro (2011-2014) e sua equipe, entendem que o Castelo de Pedras Altas é uma prioridade, tanto para a Secretaria de Cultura do Estado como para a Secretaria de Turismo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O turismo rural e o cultural podem andar juntos, sendo uma forma de melhor reconhecimento histórico, incentivando a valorização dos lugares e seu acervo, o que inevitavelmente ocasiona ações

de preservação do patrimônio. Para tanto, é necessário o interesse dos vários atores sociais envolvidos. Outro aspecto a considerar é o processo de aceitação dos membros das famílias envolvidas com a abertura das propriedades a turistas e excursionistas. No caso das duas propriedades, que possuem acervo histórico como documentos, objetos, livros, mobiliário e mesmo as edificações, são verdadeiros museus. As entrevistas realizadas indicam o interesse dos atuais proprietários em cultivar o passado e criar condições onde futuras gerações possam conhecer e desfrutar do acervo existente, levando em conta as dificuldades atuais e as possíveis variáveis logísticas, como o acesso rodoviário ao município de Pedras Altas, um fator impeditivo à visita, aliado a atual falta de estrutura do município.

O interesse em preservar o patrimônio e a memória dos familiares e vultos da história do Rio Grande do Sul e do Brasil é uma realidade nas duas propriedades, porém a experiência de Bagé é mais versátil que a de Pedras Altas, por oferecer equipamentos de lazer para o público mais jovem e por criar alternativas ao roteiro histórico de visita da residência sem transformar a residência ou criar estruturas diferenciadas da casa sede da propriedade e seus anexos. Como disse a proprietária da Estância Limoeiro: “Os jovens querem movimento como jogos, andar a cavalo sem se desinteressar pela história da estância”. Sem alterar as atividades da propriedade e sem aumentar a capacidade de acolhida, a Estância do Limoeiro se permite aliar a visita histórica ao lúdico, dependendo da demanda.

No quesito divulgação, foi possível perceber que não há um plano estruturado de comunicação para que as visitas se tornem mais frequentes. Um dos aspectos que pode ser considerado é justamente a falta de uma estrutura mais completa, sendo que nas duas propriedades analisadas são os membros da própria família que se responsabilizam por contar as *sua* história e receber os visitantes, fazendo com que o patrimônio e a história dos lugares se perpetuem.

A relação de uso da oferta cultural e o turismo, seja ele rural, urbano, cultural ou histórico, passa pelo entendimento de que somente as iniciativas privadas não possuem recursos econômicos para preservar e manter a memória, sendo que muitas vezes os herdeiros desta oferta cultural inevitavelmente dependem de projetos de captação de recursos e do interesse de instituições públicas que reconheçam o devido valor de locais que carregam parte da história e da memória coletiva gaúcha e brasileira.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. A. e RIEDL, M. (Org.). *Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento*. Bauru, SP: EdUSC, 2000.
- AMIROU, R. e BACHIMON, P. *Le tourisme local : une culture de l'exotisme*. Paris, França: L'Harmattan, 2000.
- ANTONIACCI, M. A. *RS: as oposições & a revolução de 1923*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- BESSIERE, J. Valeurs rurales et imaginaires touristique. In: AMIROU, R. e BACHIMON, P. *Le tourisme local: une culture de l'exotisme*. Paris, França: L'Harmattan, 2000.
- BLOS, W. *Turismo rural e desenvolvimento local*. Santa Maria: Ed. Facos, 2005.
- CHASTEEN, J. *Fronteira rebelde*. Porto Alegre: Editora Movimento, 2003.
- CLUZEAU, C. O. Du. *Le tourisme culturel*. Paris: Presse Universitaire de France, Collection Que sais-je? 1998.

DIAS, R. *Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades*. São Paulo: Saraiva, 2006.

FLORES, M. e FLORES, H. A. H. *Rio Grande do Sul: aspectos da Revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 3ª edição revisada, 2005.

FONSECA REIS, A. C. *Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: caleidoscópio da cultura*. São Paulo: Editora Manole, 2007.

FUNARI, P. P. e PELEGRINI, Sandra C. A. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006.

GONZALEZ RÍOS, M. J. *Metodología de la investigación social: técnicas de recolección de datos*. Alicante: Editorial Aguacilar, 1997.

LINDÓN, A. (Coord.) *La vida cotidiana y su espacio-temporalidad*. Barcelona: Antthropos editorial, México, D.F.: Colégio Mexiquense, 2000.

MOLETTA, V. F. e GOIDANICH, K. L. *Turismo cultural*. Porto Alegre: Edição SEBRAE, 2002.

MONFORT, V. Turismo cultural: la experiência de Valencia, capital. In: *Actas del I Congreso Internacional de Turismo Cultural*, Salamanca, Nov. 2002, v. 4, p. 153-175.

PESAVENTO, S. J. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

RIBEIRO, M. *El turismo y las relaciones sociales: olvido, inclusión y perspectivas en el Litoral Norte de Rio Grande do Sul, Brasil*. Tese defendida e depositada na Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, Espanha, não publicada, 2003.

RIBEIRO, M. *Impactos sócio-culturais e socioeconômicos do turismo rural a partir das políticas públicas e privadas: quando planejar faz a diferença*. Anais do IV Congresso Internacional sobre turismo rural e Desenvolvimento Sustentável. Joinville: Editora Bom Jesus, IELUSC, 2004.

RICHARDS, G. Turismo cultural: padrões e implicações. In: CAMARGO, P. e CRUZ, G. da (org.). *Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências*. Ilhéus, BA: Editus, 2009.

ROCHA, A. W.; ALMEIDA, L. G. B. de e MARCHIORI, J. N. C. *J. F. de Assis Brasil: interpretações*. Santa Maria: EdUFSM, Série Memória Sul Riograndense, 1995.

RODRIGUES, A.B. Turismo rural no Brasil: ensaio de uma tipologia. In: ALMEIDA, J. A. e RIEDL, M. (Orgs.) *Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

SANTANA, A. *Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações*. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTOS, J. L. dos. *O que é Cultura?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SILVA, M. e FUCKS, P.M. *Turismo no espaço rural e preservação do patrimônio, da paisagem e da cultura*. São Paulo: Manole, 2010.

YAZIGI, E. *Turismo e paisagem*. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

WEB SITES PESQUISADOS:

ESTÂNCIA DO LIMOEIRO. Disponível em: < <http://www.estancialimoeiro.com.br/>>. Acesso em: 17 e 20 de fevereiro de 2011.

FAMÍLIA ASSIS BRASIL. Disponível em: <<http://www.assisbrasil.org/>>. Acesso em: 26 e 27 de fevereiro de 2011.